

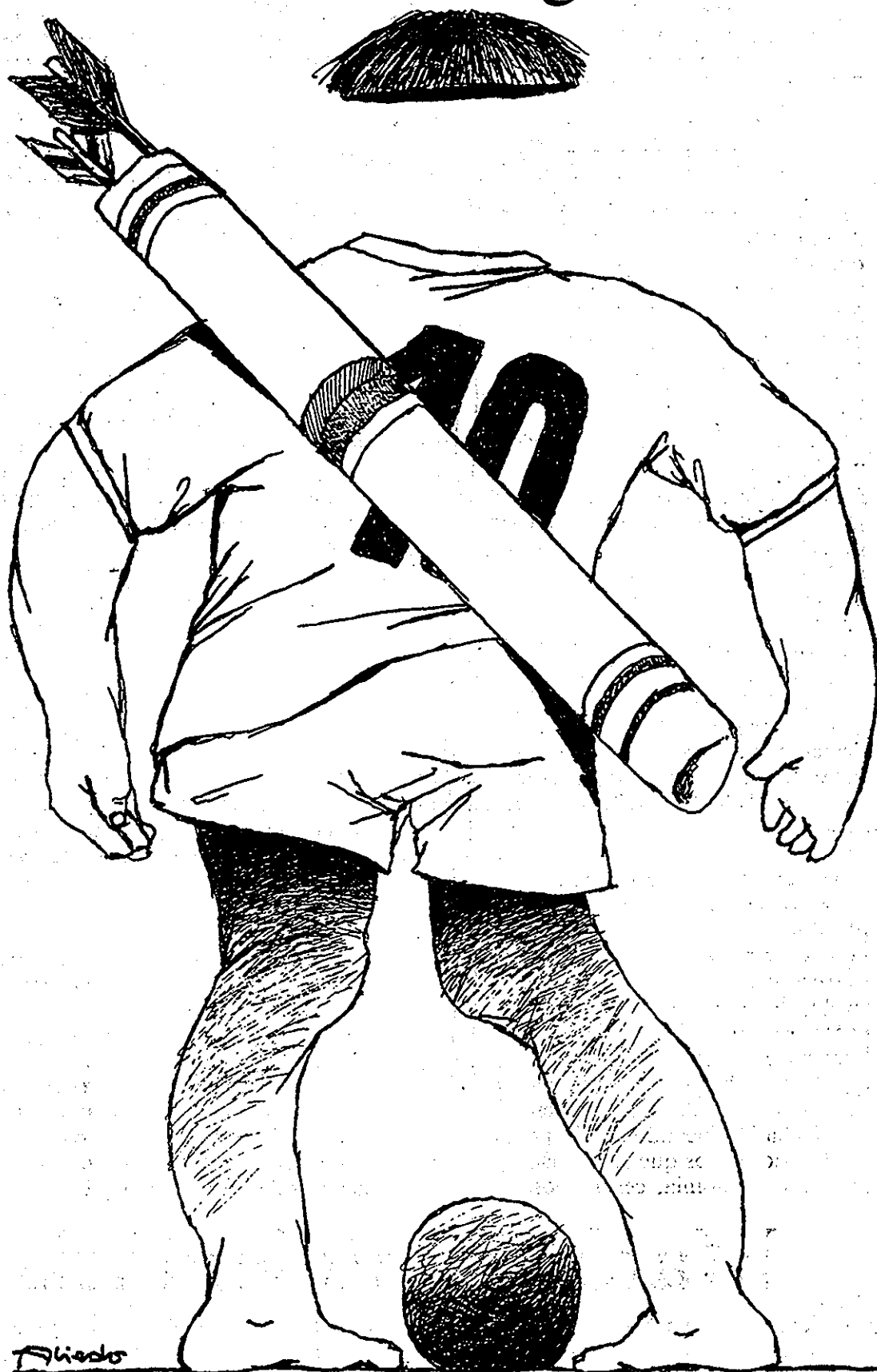
Os Jogos dos Povos Indígenas

EDSON ARANTES DO NASCIMENTO (PELÉ)*

Quando assumi o cargo de ministro extraordinário dos Esportes, o fiz com o compromisso de promover prioritariamente não o esporte de alto rendimento, aquele cujo objetivo é formar os grandes campeões, mas sim o esporte socioeducacional — o desporto como veículo de uma ação social voltada para promover a cidadania dos grupos menos favorecidos de nossa sociedade. Em coerência com essa filosofia, os principais programas do Ministério, executados por intermédio do Indesp — Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto —, são o Esporte Solidário, que tem como público-alvo as crianças e adolescentes de baixa renda, o Esporte Educacional, que visa difundir entre os jovens os valores positivos associados à prática esportiva, o Esporte para Pessoas Portadoras de Deficiência e o Esporte de Criação Nacional, cujo propósito é promover e estimular as manifestações populares de caráter esportivo que se vinculem às nossas raízes étnicas e históricas — caso da capoeira, da vaquejada, das regatas de saveiros e jangadas, e de tantas outras formas de expressão lúdica e desportiva propiciadas pela diversidade étnica que caracteriza este país.

Com efeito, essa diversidade constitui uma de nossas principais riquezas, geradora de um vasto patrimônio de possibilidades culturais, infelizmente ainda não reconhecido em sua plenitude pelos formuladores de políticas públicas em áreas como a educação, a cultura, a comunicação e o próprio mercado de trabalho. Por isso, o respeito à diversidade deve sair do terreno abstrato para ser implementado de maneira concreta no nosso cotidiano. Felizmente, as mudanças que o país vem experimentando atingem também a área sensível das relações étnicas e culturais, em que mitos seculares começam a ser substituídos pela busca genuína da igualdade na diversidade, que pressupõe a valorização das diferentes culturas formadoras desta nação.

Valorizar a diversidade e promover a igualdade — o que está em consonância com as orientações da presidência da República — são as duas idéias-chave que nortearam a criação e a organização dos Jogos dos Povos Indígenas, cuja abertura está acontecendo hoje na cidade de Goiânia, resultado da parceria do Indesp com a Funai, a Secretaria de Esportes e Lazer do Estado de Goiás e o Comitê Internacional Intertribal, organismo que reúne as lideranças indígenas. Lá estão reunidos cerca de 500 representantes de 34 nações, para competir em modalidades tradicionais e não-tradicionais: futebol, voleibol, natação e atletismo, ao lado de lutas rituais, arco e flecha, canoagem e cabo-



de-guerra. Competir, por sinal, não é palavra que retrate com exatidão a visão indígena da prática desportiva, na qual esta se situa na confluência do lúdico com o religioso, numa celebração em que o objetivo não é necessariamente vencer, mas, antes, participar, comungar do espírito que a todos impulsiona na busca da superação de desafios mais coletivos do que individuais.

Esse sentido de coletividade que anima os indígenas na prática do esporte é apenas mais uma lição que temos a aprender com eles. É um modo de ver com o qual, particularmente, me identifico, pois sempre acreditei que o esporte, sobretudo as modalidades coletivas, co-

mo o futebol, pode ser uma inesgotável fonte de aprendizado da solidariedade e do espírito de grupo. Com os Jogos dos Povos Indígenas — que estão tendo a participação de lideranças das diferentes nações em todas as suas fases, da concepção do evento à definição das modalidades em disputa, passando pela determinação do número de participantes das diferentes tribos —, esperamos estar contribuindo decisivamente, por meio do esporte, para a valorização do legado cultural indígena e para o definitivo reconhecimento de sua importância como matriz original da cultura brasileira.